

## **Monteiro Lobato, o Nostradamus brasileiro**

*Elaine Bittencourt*

"Depois de 87 presidentes brancos surgia o primeiro negro, eleito por 54 milhões de votos."

"Vejo, entretanto, um ponto perigoso no sistema. O povo já está comprando a crédito, já sacando sobre o futuro. O operário que adquire uma Frigidaire para pagar em 20 meses, está usando, como se dólar fosse, a probabilidade de manter-se no gozo daquele salário por 20 meses. Venha uma perturbação econômica qualquer, tenha esse operário o seu ganho diminuído ou suprimido e desabarará sobre a América um cataclisma econômico de proporções únicas, capaz de refletir-se no mundo inteiro."

"As novas adaptações econômicas a produção em massa, a entrefusão de empresas (merges), os chains stores, os chain teatros, os chain jornais e todas as modalidades do emassamento, da coletivização, nesta guerra contra o indivíduo, tornam bem claras as tendências do amanhã: corporatividade do mundo."

"Em vez de ir o empregado todos os dias para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço fará ele seu serviço em casa, e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á a distância".

As frases acima poderiam ser ditas hoje por qualquer analista político ou econômico. Mas foram escritas por um especialista em literatura infantil ainda nos anos 1920.

Agraciado com o espírito da vanguarda - que tantas vezes faria dele uma voz solitária - ele disse, naquelas décadas distantes, que os Estados Unidos teriam um presidente negro no ano de 2228, no seu livro "Presidente Negro". Imaginou os conceitos de uma rede nos moldes do que hoje conhecemos como a internet. Pensava que no futuro teríamos um mundo globalizado, com grandes conglomerados supranacionais. Falava dos perigos da crença no crédito como se estivesse diante da atual crise do mercado imobiliário americano. Acreditou que o ferro deveria ser parte importante na economia do Brasil e nunca duvidou da existência de ricas reservas de petróleo no País.

Sem querer ser vidente, Monteiro Lobato usava apenas a extrema lucidez e seu desejo de criar um mundo diferente para imaginar como seria o futuro. Como disse certa vez o educador Anísio Teixeira: "Monteiro Lobato pertencia a essa rara família de profetas e poetas, que condensam, de súbito, para um momento e um povo, a sua própria essência espiritual."

Lobato dizia-se um escritor, mas estava mais para visionário. "Ele é o Júlio Verne nacional", diz um de seus biógrafos, Vladimir Sacchetta, co-autor de "Monteiro Lobato - Furacão na Botocúndia" (Senac São Paulo).

É certo que a carapuça de profeta lhe caía muito bem, mas o célebre criador do Sítio do Picapau Amarelo não era apenas bom em imaginação e previsões, era um homem de ação que se empenhava em fazer dos seus sonhos realidade. Investiu toda sua energia e trabalho para fazer do País que amava uma terra de tanto sucesso quanto os Estados Unidos, que passou a admirar com grande fervor após passar por lá alguns anos como adido cultural, no final dos anos 1920.

Impregnado pela lógica norte-americana do progresso, quis mudar uma terra ainda marcada pelo atraso e pela pobreza. Como quem pregava no deserto, conforme ilustrou o artista Belmonte, foi ouvido por poucos. E, lamentavelmente, neste grupos estavam incluídos aqueles que não gostaram do que ouviram. Quem enxerga numa terra de cegos é rei e há de tomar muito cuidado para não terminar com os olhos furados.

Mas Lobato não era do tipo que se calava. Se não puderam furar-lhe os olhos - até mesmo um Estado autoritário como o da ditadura Vargas tem que tomar certos cuidados com figuras amadas pelo povo ao menos calaram-lhe a voz. Primeiro pela censura, e, depois, pela prisão.

Foram três meses na cadeia, de onde saiu após um indulto de Vargas, devido à pressão dos amigos.

Mas se a intenção era disciplinar Lobato, o resultado não foi muito bem-sucedido. Lembrando que os críticos consideram a desbocada e corajosa boneca Emília um alter ego do seu autor, logo seria de imaginar que o escritor acabasse por fim revolucionando a cadeia. Fez amigos entre todos, do mais cruel assassino (para ele sempre boa gente (veja no texto na página ao lado os transtornos que isso custou à família) aos investigadores e carcereiros, que se orgulhavam de "cuidar" do Seu Lobato. Inquieto, passou seu tempo "livre" dando aulas e orientando os detentos sobre seus direitos. Parecia acreditar na recuperação dos colegas e que a cadeia não deveria ser um lugar de ócio - mais uma amostra de como suas idéias estavam à frente de seu tempo, e do quanto podiam ser incômodas, até mesmo para sua família que tantas vezes o apoiava. Suas ações na prisão, entretanto, tiveram pouco eco.

As razões que culminaram na sua detenção, porém, valem ser lembradas, pois fazem parte da sua grande luta em nome do progresso. Batalha essa que tem início na sua temporada nos Estados Unidos, quando ele descobre uma nova forma de fundir o ferro.

### **Enriquecimento de baixo**

Para o escritor, o Brasil padecia com o desinteresse na exploração do ferro e do petróleo, bens que poderiam transformar e sustentar a economia do País. Dizia: "O solo, a superfície, apenas permite a subsistência. O enriquecimento vem de baixo. Vem do subsolo". E ainda que hoje saibamos do valor agregado de produtos industrializados, a riqueza de muitas nações, inclusive do Brasil, depende em larga escala da exploração, justamente, destes dois produtos. "A primeira significação do ferro é o transporte; transporte significa mobilização de reservas naturais; mobilização de reservas naturais significa desenvolvimento econômico ou riqueza", pondera Lobato, que diz ainda: "Meu plano agora é um só, dar ferro e petróleo ao Brasil".

Seu entusiasmo pelo ferro, porém, é barrado pela imensa burocracia do governo brasileiro e também pelos interesses das empresas estrangeiras candidatas a explorar o minério no País, como a poderosa United Steel. A saga dura anos, mas enfim, derrotado, Lobato desiste, "envergonhadíssimo de ser brasileiro". Revoltado, escreve: "Quem pensa em fazer qualquer coisa decente nesta terra com o concurso dessa infecção, chamada governo, é burro de cangalha."

Acabada esta aventura, ele não desanima. Logo empenha seus esforços na cruzada do petróleo, tornando-se um dos primeiros, e certamente o mais convicto, brasileiros a defender a existência de grandes reservas do "ouro negro" no território brasileiro.

Mas sua crença na importância do ferro para a economia não estava errada. Hoje, o Brasil é o segundo maior produtor deste minério no mundo, e, este ano, a expectativa de produção, antes da crise, era de 409 milhões de toneladas, o que representa 19% da produção mundial. Em 2007, a indústria de mineração respondeu por cerca de 5,17% do PIB nacional e o ferro é parte importante desse resultado. Não à toa, empresas estrangeiras, como nos tempos de Lobato, estão sempre atentas a estes negócios.

### **Petróleo para Dona Benta**

Escaldado pela experiência anterior com o ferro, dessa vez ele não busca apoio do governo, mas da própria população. Cria uma empresa, a Companhia Petróleos do Brasil, e viaja País afora fazendo palestras para convencer as platéias a comprar suas ações, e desse modo financiar as explorações no solo.

Em "Furacão na Botocúndia", os autores reproduziram um dos seus discursos, em Uberaba: "Quem olha para o mapa da América vê logo que a América é o grande continente do petróleo, de norte a sul, desde o Alasca até a Patagônia. E vê que praticamente todos os países da América já tiraram petróleo, menos o Brasil, que é o colosso em território que sabemos. (...) Só o Brasil persiste na sua bobagem de duvidar. E, no entanto, não existe no mundo País mais

rico que o nosso em sinais superficiais de petróleo". Orador apaixonado, Lobato conquista seguidores. "Em 12 dias úteis, reuniu o capital necessário e hoje, sem um mês inda de idade, ninguém larga ação pelo mesmo preço que a pagou." Confiante, dizia: "A vitória está assegurada".

Ele estava convencido de que deveria conscientizar os brasileiros da importância de lutar pela exploração deste mineral e, mais que isso, garantir que o processo fosse realizado por empresas do País. Nacionalista convicto - o que não deve ser confundido com desprezo pela tecnologia estrangeira, a qual ele aprovava, desde que não ameaçasse a soberania nacional - Lobato escreve com frequência sobre o assunto, até mesmo para nossas crianças.

Em 1935, publicou pela Companhia Editora Nacional o livro "A Luta pelo Petróleo", do anglo-americano Essad Bey, no qual há denúncias da ineficiência dos órgãos públicos na questão. A esta obra se segue, no ano seguinte, "O Escândalo do Petróleo", tratando da soberania nacional, o que incomodou diretamente a multinacional Standard Oil. Mas é com o "Poço do Visconde", que a Editora Globo promete relançar até o final deste ano, que ele faz um grande trabalho de convencimento.

Na obra, um poço de petróleo é encontrado no Sítio do Picapau Amarelo. "A descoberta do petróleo no sítio da D. Benta abalou o País inteiro. (...) Assim que irrompeu o Caraminguá número 1, os negadores ficaram com cara de asno, a murmurar: 'Ora veja! E não é que tínhamos petróleo mesmo?'"

Que diriam estes negadores diante da força da Petrobras, empresa 100% nacional que em setembro deste ano atingiu a marca de 1,851 milhão de barris por dia? E que o Brasil caminha para a auto-sustentabilidade do produto, principalmente após a descoberta de reservas de pré-sal? Segundo a empresa, a primeira área avaliada, Tupi, possui volumes estimados entre 5 e 8 bilhões de barris, o que a classificaria como o maior campo de petróleo descoberto no mundo desde 2000.

Naqueles tempos, todavia, descobrir e explorar o petróleo não era algo simples. Além da dificuldade existente até hoje na exploração do petróleo no subsolo brasileiro, havia de novo interesses contrários à sua iniciativa, inclusive no governo. Em plena ditadura Vargas, ele reclamava em altos brados do desinteresse do governo na empreitada. Numa carta bastante impertinente ao general Góis Monteiro, Chefe Maior do Exército, acusava o Conselho Nacional do Petróleo de agir em favor dos "interesses do imperialismo da Standard Oil e da Royal Dutch". Foi assim, gritando em defesa da Nação, que acabou atrás das grades.

Lobato, enfim, era mais sortudo como escritor que como homem de negócios. Embora pudesse perceber as oportunidades, elas acabavam por escapar-lhe entre os dedos. Nem mesmo a descoberta de um pequeno filão, fato que o entusiasmou a ponto de carregar para todo lado um vidrinho com o valioso líquido negro, pôde salvá-lo, ou aos amigos e parentes, de uma indesejada falência.

### **Livros por todo lado**

Foi um pouco mais bem-sucedido como editor, mas ainda neste ramo acabou falindo. Mas qualquer empresa do setor hoje segue algumas linhas que ele elaborou. "Lobato dizia que livro não era gênero de primeira necessidade. Tinha que ser atraente, a começar pela capa e, principalmente, chegar ao leitor", diz o biógrafo Vladimir Sacchetta.

Como editor, passou a tratar os livros como produto de mercado, inovando no formato e na forma de distribuição. Artistas renomados como Anita Malfatti e Di Cavalcanti fizeram belíssimas ilustrações sob encomenda. As velhas capas monocromáticas e sem desenhos viraram coisa do passado.

Além disso, acreditava que livros poderiam ser vendidos em todos os lugares. Hoje, ele certamente seria um fã das máquinas nas estações de Metrô. "Ele só era contra vender em açougue", lembra Sacchetta, por razões óbvias.

Lobato foi um sucesso de vendas em sua época. Foi amado pelos brasileiros que se encantaram principalmente com sua obra infantil, ou seja, com as peripécias da turma do Sítio. Mas, certamente, ele não pôde prever que, após sua morte, ele seria um best seller. Depois de passar décadas na editora Brasiliense, que não atualizou sua obra - continuava, por exemplo, com ilustrações em preto-e-branco - seus direitos autorais foram comprados pela editora Globo, que desde 2005 trabalha no relançamento da produção completa do autor.

Em um ano, com cerca de metade dos livros relançados, já foram vendidos quase 1,3 milhão de livros. "Sabíamos que havia uma carência no mercado, mas não tínhamos idéia de que era tão grande. A adoção em escolas está sendo enorme", conta Lúcia Machado, diretora da unidade de negócios da editora Globo.

Como profeta e escritor infantil, Monteiro Lobato parece imbatível - lembrando ainda que nas pesquisas Retratos da Leitura no Brasil, é o autor mais admirado pelo público. E as obras do Sítio do Picapau Amarelo são as mais importantes na vida dos leitores, perdendo só para a Bíblia. Resta torcer, porém, para que algumas de suas profecias não se concretizem. Que não seja coisa de "burro de cangalha" querer melhorar o País e que o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos não termine como o presidente criado por Lobato, que morre no dia de sua posse.





No alto, uma ação da Companhia Petróleos do Brasil, fundada pelo literato; e capas dos livros que escreveu na defesa incansável da exploração do "ouro negro"



Capa argentina de "O Presidente Negro"

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 14, 15 e 16 nov. 2008, Fim de Semana, p. D4-D5.